

A ESQUERDA CONTRA-ATACA: REBELDIA E CONTESTAÇÃO POLÍTICA NO FUTEBOL BRASILEIRO (1970-1978)¹

Dr. Euclides de Freitas Couto

Centro Universitário UNA

Belo Horizonte, Brasil

efcouth@terra.com.br

Recebido em 15 de outubro de 2009

Aprovado em 12 de fevereiro de 2010

Resumo

Este estudo analisa as formas de manifestação política relacionadas ao futebol, observadas no Brasil durante a década de 1970. Observamos no contexto do futebol a deflagração de um embate entre as forças conservadoras e a esquerda no cenário político brasileiro. Nesse período, diferentes sujeitos, ligados aos grupos de oposição, também se apropriaram do espaço comunicativo criado em torno do futebol para exteriorizar seus ideais políticos. Desse modo, o esporte serviu tanto aos interesses do Estado quanto aos interesses dos sujeitos ligados à esquerda brasileira. Essas ações ganharam coro nas atitudes de jogadores e artistas, e na mídia em geral. Nesse cenário, a imprensa esportiva figurou-se como a principal mediadora tanto das *lutas simbólicas* travadas entre jogadores, técnicos, dirigentes e aficionados pelo futebol, como das ações e atos oficiais do governo.

Palavras-chave: futebol; política; ditadura militar.

Abstract

The Left Strikes Back: rebellion and political contestation in Brazilian football (1970-1978)

This study analyzes forms of political manifestations related to soccer (football), observed in Brazil in the course of the 1970's years. We observed, in the context of soccer, the outbreak of a dispute between conservative power and the left forces in the Brazilian political scene. In this period, different subjects, linked to opposition groups, also used the

¹ Esse artigo é uma versão modificada da tese de doutorado intitulada *Jogo de extremos: futebol, cultura e política no Brasil (1930-1978)*, desenvolvida no programa de Pós-Graduação em História da FAFICH/UFMG, no ano de 2009.

communicative space created around the sport in order to externalize their political ideals. Thus, the sport served the interests of both the state and the Brazilian leftists. These actions generated the involvement of soccer players, artists, and the media in general. In this context, the sport press figured as the main mediator of both the *symbolic battles* engaged amid soccer players, coaches, managers, and fans, and the official acts and actions of the State.

Keywords: football, politics, military dictatorship.

A memória do período da ditadura militar no Brasil (1964-1984) é constantemente recuperada por narrativas que revelam a dicotomia entre o autoritarismo da direita e a efervescência cultural conduzida por diversos grupos ligados à esquerda. Uma dupla motivação, aglutinadora dos desejos de liberdade e das atitudes de protesto contra o regime militar, alimentou as manifestações políticas cuja maior expressão pôde ser percebida no campo da cultura. Nessa perspectiva, a proposta de análise desse artigo veicula-se à compreensão das manifestações simbólicas de rebeldia e protesto decorrentes das atitudes de jogadores de futebol que se destacaram no cenário esportivo da década de 1970. No âmbito das culturas políticas, verificamos que a coexistência de estruturas ideológicas complexas – a exemplo do autoritarismo – não reduz a importância dos fatos singulares para o entendimento do cenário político. O abandono da tentativa de conceber generalizações ou modelos a partir das trajetórias individuais dos sujeitos pesquisados não impediu que fossem encontrados, em atitudes, gestos e discursos, elementos anunciadores do quadro de inconformismo que se disseminava em diversos setores da sociedade nos anos 1970.

Partimos do pressuposto de que o futebol, assim como outros fenômenos sociais de grande abrangência, tornou-se um espaço de ampla interlocução política. Capaz de atrair a atenção de milhões de espectadores e consumidores, o esporte se mostrou, especialmente

no contexto da ditadura, um ambiente altamente propício para a reprodução das tensões ideológicas presentes no imaginário político brasileiro. Além de favorecer a disseminação das ideologias governamentais, sobretudo pela veiculação da seleção brasileira via propaganda oficial, o universo do futebol também possibilitou que as ideologias da esquerda fossem publicizadas, mesmo que individualmente, por meio das atitudes dos jogadores simpatizantes do ideário progressista disseminado na juventude do país.

Neste artigo reunimos, por meio de pesquisa em periódicos, em fontes fonográficas e da *história oral*, um *corpus* documental cuja análise permitiu perceber a deflagração de uma autêntica *luta simbólica*, na acepção bourdiana do termo, travada no universo do futebol brasileiro. A partir das representações construídas em periódicos esportivos e alternativos, como também pela memória dos personagens, é possível verificar que atitudes de contestação política, presentes nas narrativas de jogadores como Afonsinho e Reinaldo, serviram como catalisadores das aspirações ideológicas da esquerda brasileira. Veiculados como símbolos da rebeldia e da revolução, esses esportistas assumiram, em diferentes contextos políticos, ao longo da década de 1970, um papel de destaque na mídia, tornado-se heróis da esquerda brasileira nos campos de futebol.

Afonsinho: barba, cabelo e atitude

Em uma manhã de agosto de 1970, Afonsinho, meio-campo do Botafogo, se apresentou para os trabalhos que inauguravam o segundo semestre daquela temporada. O futebol brasileiro vangloriava-se da inédita conquista do tricampeonato mundial no México. O técnico Zagallo, retornando às suas atividades no alvinegro carioca, trazia em sua memória o viço das imagens que, insistentemente reprisadas pelas emissoras de todo o

mundo, se tornariam ícones da perfeição alcançada por uma equipe de futebol. No entanto, embora defendessem as cores da mesma agremiação, o antagonismo ideológico impediu que técnico e jogador unissem suas forças em prol do time da estrela solitária. Naquele dia, ao exibir sua barba e seus cabelos ligeiramente fora dos padrões requisitados para um jogador de futebol, Afonsinho suscitou no técnico os sinais do autoritarismo de coloração verde oliva por ele incorporados durante a epopéia mexicana: o jogador ficaria proibido de treinar com seus companheiros enquanto não se apresentasse com a aparência “adequada”. General Severiano, o centro de treinamentos do clube, fazia jus à patente descrita em seu nome. O clube ganhava feições de quartel, o jogador de futebol assumia a fisionomia de soldado.

Ao longo da década de 1970, a invasão dos militares no cenário futebolístico introduziu e incentivou uma variada gama de práticas autoritárias que se desenvolveram desde o comando da seleção brasileira até as concentrações dos clubes. Tais ações, aliadas ao processo de modernização da Educação Física², inspiraram transformações radicais no cotidiano das equipes: a partir de então, os modelos de treinamento físico e técnico, a medicina esportiva, a nutrição e a preparação psicológica deveriam somar esforços para a formação e a “manutenção” do “atleta de futebol”. Paralelamente à especialização dos profissionais ligados ao futebol, o crescente enrijecimento das regras disciplinares, que invadiam a rotina de trabalho e até a vida privada do jogador, encontrava respaldo nos

² Góis Júnior (2006, p.123) salienta que, nesse contexto, o cenário acadêmico da Educação Física foi marcado pela transição entre os modelos de conhecimento *empírico* e *científico*. Segundo ele, após a publicação, em 1968, da coletânea de artigos intitulada *Introdução à moderna ciência do treinamento desportivo*, organizada pelo professor Lamartine Pereira DaCosta, houve uma verdadeira revolução nos sistemas de treinamento esportivo no país. Tais mudanças foram rapidamente absorvidas pelo futebol profissional brasileiro.

discursos oficiais e, sobretudo, em grande parte da imprensa, legitimando, de fato, a cristalização do *ethos* autoritário no futebol brasileiro.

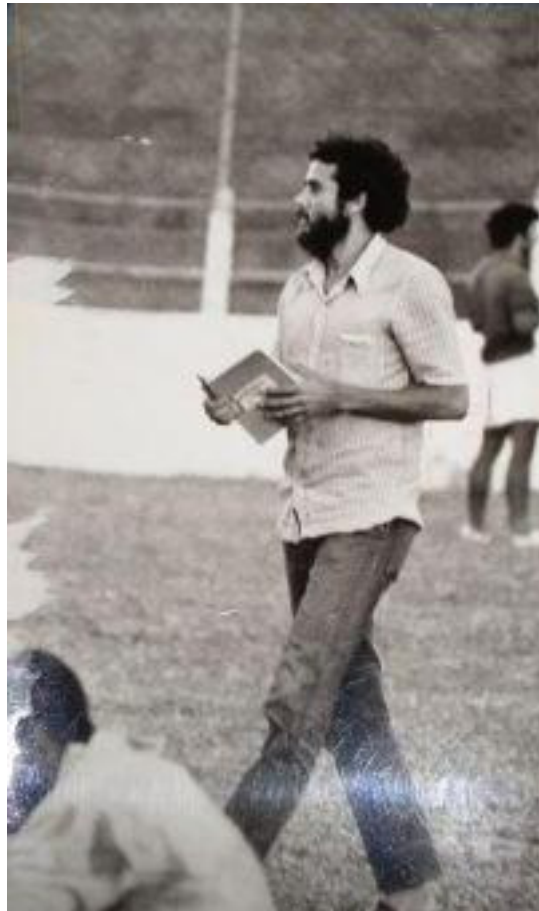


Figura 1 – Afonsinho em General Severiano, agosto de 1970

Fonte: Arquivo particular Afonso Celso Garcia Reis

Ao ser indagado sobre o seu visual, Afonsinho garante que, no dia em que se reuniu aos demais jogadores, com barba e cabelos um pouco fora dos “padrões”, não desejava

insinuar qualquer tipo de provocação. Todavia, a partir do momento em que sentiu que sua liberdade fora violada pela atitude autoritária do treinador, assumiu, por meio da aparência, uma atitude de protesto:

Eu não queria provocar ninguém. Era só uma questão de moda. Era uma influência daquela época de 68, daquilo tudo, eu era estudante e me assumia rebelde mesmo. Eu era um jovem da época. Só que quando o Zagallo me proibiu de treinar, eu mantive minha palavra. Aquilo virou uma atitude de rebeldia e passou a ser dentro do futebol uma proposta interessante³.

O confronto, inicialmente travado com o técnico Zagallo, logo se tornou uma questão disciplinar, passando para a alçada da diretoria do clube, atraindo, dessa forma, a atenção de grande parte da imprensa esportiva do país. A atitude contestatória desafiava não apenas a autoridade do treinador do Botafogo, mas toda a ordem que se instaurava no futebol brasileiro naqueles tempos.

Com efeito, após a conquista da Copa de 1970, homens como o preparador físico Admildo Chirol e o técnico Zagallo tornaram-se símbolos de organização e eficiência, marcas substanciais incorporadas pelo *novo futebol brasileiro*. O treinador, admirado por implantar um modelo de jogo que reunia as virtudes do futebol-arte ao preparo físico e à disciplina, ganhava grande respaldo no meio futebolístico do país⁴. De volta às atividades na comissão técnica do Botafogo, a experiência vitoriosa no México forneceu à dupla Zagallo/Chirol a legitimidade necessária para que aplicassem, no alvinegro carioca, o mesmo modelo de treinamento desenvolvido na seleção, conforme ressaltava Carlos Alberto Parreira, naquela oportunidade preparador físico do selecionado brasileiro:

³ Afonsinho, 13 set. 2007.

⁴ “Admildo Chirol: venceu a nova mentalidade”, *Jornal dos Sports*, 25 jun. 1970, p. 8.

Que os clubes façam uma revolução em seus métodos de trabalho e partam para o que foi feito na seleção” – Esse é o apelo de Carlos Alberto Parreira, *competente e aplicado integrante da equipe de preparadores físicos* da seleção brasileira que conquistou o tricampeonato de futebol. (...) Discordando da tese da formação de uma seleção permanente, Carlos Alberto Parreira pede mais: “Que sejam mantidas a organização e a seriedade que marcaram a seleção-70.”⁵.

É interessante notar como a imprensa legitimava o discurso disciplinador proferido pelo preparador físico. Com efeito, as fantásticas exhibições dos canarinhos nos gramados mexicanos não só representaram o retorno do futebol-arte como também serviram para credenciar os novos modelos de treinamento e sistema tático implantados por Zagallo. Submetido à Lei do Passe, Afonsinho foi impedido, em âmbito mundial, de exercer sua profissão em qualquer clube de futebol profissional. A única saída para o jogador foi recorrer à justiça. Todavia, no “caso Afonsinho”, não se tratava apenas de reivindicar um direito na esfera trabalhista, mas de travar uma batalha contra o “passe”, uma instituição social estabelecida e sustentada pelos cartolas e políticos mais poderosos do futebol brasileiro. Prova disso era que, até então, nenhum outro jogador havia vencido os clubes nos tribunais. No período entre setembro de 1970 e março de 1971, tempo em que o litígio se arrastou na justiça desportiva, além da ampla cobertura dada pela imprensa, inúmeras pessoas ligadas ao movimento estudantil e às classes artísticas, além de intelectuais e políticos de esquerda, manifestaram apoio à causa do jogador. Além da barba e dos cabelos

⁵ “O caminho do Tetra III: Parreira pede revolução nos clubes”. *Jornal dos Sports*, 09 jul. 1970, p.12, grifo nosso.

compridos – traços muito associados às esquerdas dos anos setenta – a luta pelo “passe livre” se incorporava ao repertório de reivindicações das organizações de esquerda do país.

Solidários à atitude “revolucionária” do jogador, artistas e intelectuais, principalmente no Rio de Janeiro, elegeram Afonsinho como um verdadeiro guerreiro na luta contra a exploração imposta pelas classes dominantes. Após a vitória nos tribunais, aumentou ainda mais o assédio da imprensa. Nessa época, o desabafo pelas perseguições sofridas no Botafogo, suas convicções políticas e a representação da vitória alcançada nos tribunais, posteriormente publicados por jornais alternativos⁶, consolidaram a imagem subversiva do jogador perante a opinião pública. Ao lançar suas farpas contra os clubes de futebol, seus dirigentes e, principalmente, contra a conivência do governo autoritário, Afonsinho assumia, com suas ações e sua aparência, todo o discurso libertário das esquerdas do país: “*Venci e agora a minha barba e meus cabelos compridos são um símbolo da liberdade.*”⁷

Incorporando o papel de representante das esquerdas no meio futebolístico brasileiro, Afonsinho aproximou-se de militantes e políticos. Artistas como Chico Buarque, Sérgio Ricardo e Gilberto Gil tornaram-se seus grandes amigos. Inspirado nessa amizade, Gil compôs, no ano de 1973, a canção “Meio-de-campo”⁸:

⁶ Afonsinho, 13 set. 2007.

⁷ O Estado de São Paulo, 16 fev. 1972 apud FLORENZANO (1998, p.105).

⁸ GIL, Gilberto. “Meio de campo” In: *Cidade do Salvador*. Universal, 1973.

Prezado amigo Afonsinho
Eu continuo aqui mesmo
Aperfeiçoando o imperfeito
Dando um tempo, dando um jeito
Desprezando a perfeição
Que a perfeição é uma meta
Defendida pelo goleiro
Que joga na seleção
E eu não sou Pelé nem nada
Se muito for, eu sou um Tostão
Fazer um gol nessa partida não é fácil, meu irmão.

Inscrita no contexto das canções de protesto⁹, esta letra revela nas entrelinhas as querelas presentes no discurso das esquerdas no Brasil. Gil utiliza imagens relativas ao futebol para criticar o contexto político pelo qual o país passava. Ao explorar dois ícones da seleção de 1970, Pelé e Tostão, o compositor – ao utilizar o caráter pessoal introduzido pela expressão “Prezado amigo” – autoriza a fusão entre o sujeito do discurso e ele próprio – Gilberto Gil. Simultaneamente, o compositor nega qualquer semelhança entre sua própria imagem e a de Pelé, que era considerado um modelo de jogador perfeito que, no entanto, corroborava a ideologia preconizada pela ditadura militar; por outro lado, o mesmo Gil se compara a Tostão, que trazia em sua trajetória as marcas da contestação¹⁰, assim como o interlocutor/destinatário do texto em questão, Afonsinho.

Mesmo com a vitória no Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD), o julgamento público de Afonsinho continuou nos “tribunais” organizados pela imprensa. Nas inúmeras entrevistas que concedeu após o processo judicial, ainda ostentando a barba e

⁹ As canções de protesto, canções panfletárias e as canções revolucionárias enquadram-se no movimento de engajamento político da produção cultural brasileira que se desenrolou, especialmente, a partir do final da década de 1950. Ao incorporar em suas letras diferentes conteúdos e temáticas, as músicas de protesto traziam à tona os inúmeros conflitos e tensões presentes na esfera política e social brasileira. Sobre a produção e recepção das músicas engajadas no período em questão, consultar as pesquisas produzidas por Caldas (2005) e Furtado (1997).

¹⁰ Sobre a trajetória política do jogador Tostão, consultar Couto (2009), especialmente o capítulo 3, intitulado *Jogadores: rebeldia intra e extra-campo*.

a cabeleira, o jogador fazia questão de ressaltar fatos como a exploração dos atletas, o enriquecimento dos cartolas e as restrições à liberdade de expressão impostas pelo governo militar. Num contexto marcado pelas perseguições, torturas e desaparecimentos de militantes da esquerda, ele se mostrava consciente das possíveis conseqüências de suas atitudes. Assim, a luta travada contra o técnico Zagallo pela manutenção do visual “agressivo”, assim como o posterior litígio judicial contra o Botafogo, motivado pela busca do “passe livre”, ganharam, entre os grupos de esquerda, a coloração de uma *luta de classes*¹¹ estabelecida, respectivamente, contra o cerceamento da liberdade de expressão e a exploração do jogador de futebol.

Reinaldo: os gols do protesto

Estádio José Maria Minella, tarde do dia 3 de junho de 1978, Mar Del Plata, Argentina. A seleção brasileira estreava em mais uma Copa do Mundo. Aos 45 minutos do primeiro tempo, ao receber um cruzamento do lateral-direito Toninho, Reinaldo desvencilhou-se do zagueiro e marcou o único gol do empate entre Brasil e Suécia. Não fosse por um detalhe, este seria mais um entre outros trezentos e poucos gols marcados ao longo da carreira do centro-avante do Clube Atlético Mineiro. No entanto, ao comemorar o gol erguendo o braço direito e fechando o punho, Reinaldo repetia¹² um gesto de protesto exteriorizado pelos atletas norte-americanos Tommie Smith e John Carlos, respectivamente

¹¹ Não consideramos nesta análise a categoria originalmente elaborada por Karl Marx, mas uma de suas derivações culturalistas cunhada pelo sociólogo Pierre Bourdieu. Nessa acepção, o embate de diferentes extratos sociais é exteriorizado também pelo consumo, pela linguagem, pela aparência e pelas formas de utilização do corpo. Assim, na sociedade contemporânea, a *luta de classes* encontra principalmente no *espaço simbólico* o terreno adequado para sua difusão (Cf. BOURDIEU, 2007, p. 233-234).

¹² Em entrevista a mim concedida, Reinaldo confirmou sua inspiração gestual nos atletas norte-americanos (Cf. Reinaldo, 29 set. 2007).

detentores das medalhas de ouro e bronze conquistadas na prova dos 200 metros rasos na Olimpíada de 1968, no México.

Obviamente, os dez anos que separam os dois episódios guardam idiossincrasias capazes de apartar completamente suas representações, seus significados e, sobretudo, seu conteúdo reivindicatório. Entretanto, acreditamos que ambos são reveladores de representações políticas observadas na recente história dos esportes. Tal impressão se deve não apenas pela homogeneidade formal dos gestos, tampouco por suas motivações políticas, mas por ambos utilizarem o mesmo espaço simbólico construído em torno dos fenômenos esportivos.

De forma similar às Olimpíadas, as Copas do Mundo, organizadas quadrienalmente pela FIFA, podem ser percebidas como bens culturais no sentido bourdiano (DAMO, 2006, p. 40), pois, além de colocarem em “jogo” a hegemonia futebolística *stricto sensu*, fomentam, de forma controlada, o acirramento das rivalidades econômicas, nacionais, étnicas e religiosas. Tais componentes emocionais, canalizados pela imprensa mundial, foram ingredientes indispensáveis para que tanto as Olimpíadas quanto as Copas do Mundo se tornassem, a partir do final da década de 1960, os eventos esportivos mais consumidos pelos telespectadores espalhados por quase todo o planeta. Conscientes da difusão incomensurável de seus gestos, Smith, Carlos e Reinaldo beneficiaram-se da abrangência midiática alcançada por esses grandes eventos esportivos para dramatizar seus protestos em escala mundial.

Levando-se em consideração as questões relativas à recepção, não podemos afirmar que o processo de assimilação das duas imagens se deu de maneira homogênea nos quatro cantos do mundo. Na percepção dos significados envolvidos na transmissão de uma

imagem televisiva, de uma fotografia ou mesmo de um discurso oral, estão obrigatoriamente imbricados fatores como a nacionalidade, o regionalismo, a estratificação social, a escolaridade e o gênero do receptor. Somando-se a eles, ainda poderíamos contabilizar dados sobre as atividades de lazer, a adesão esportiva, o pertencimento clubístico e o estilo de vida de cada um. Como sugere BOURDIEU (2005), a ciência do discurso deve levar em consideração as relações simbólicas, assim como as condições de instauração dos componentes comunicativos:

A verdade da relação de comunicação nunca está inteiramente no discurso nem nas relações de comunicação. Uma verdadeira ciência do discurso deve buscar essa verdade no discurso, mas também fora dele, nas condições sociais de produção e reprodução de produtores/receptores e da relação entre eles. Por exemplo, para que a *linguagem de importância* do filósofo seja recebida, é preciso que estejam reunidas as condições para que ela seja capaz de obter importância que a elas se concede (BOURDIEU, 2005, p. 150).

A ilustração sobre a filosofia utilizada por Bourdieu permite compreender o alcance das ações protagonizadas pelos atores citados. Tanto os atletas norte-americanos quanto o jogador brasileiro tinham em mente, com certa precisão, o público que iriam atingir.

A (re)contextualização de um gesto

Aproximadamente dez anos após as Olimpíadas do México, às vésperas da Copa do Mundo, a Argentina também passava por um grande clima de contestação. Nessa oportunidade, os protestos contra a segregação racial cediam lugar às manifestações contra a truculenta ditadura que se instalara no país em 1976. Nos jornais clandestinos, denúncias sobre perseguições políticas, assassinatos e desaparecimentos de militantes de esquerda se

misturavam às críticas aos desvios de verbas públicas destinadas às obras da Copa. Enquanto isso, nos periódicos alinhados com o governo, conclamava-se a unidade nacional por meio do apoio à seleção de futebol: “Veinticinco millones de argentinos jugaremos el Mundial”.¹³

No Brasil, a imprensa alternativa posicionou-se radicalmente contra o mundial. Pouco antes do início da Copa, em 29 de maio de 1978, a primeira página do jornal *Movimento* estampava imagens muito significativas que acompanhavam as tendências lançadas por parte da imprensa ligada às esquerdas européias. Meses antes, um grupo de exilados políticos argentinos havia criado na França o Comité d’ Organization pour le Boycotte a la Coupe du Monde en Argentine (COBA). Pacifistas e intelectuais de grande expressão, como Alain Touraine, Jean Paul Sartre e Roland Barthes, aderiram ao movimento, que contou ainda com a participação de artistas e partidos de esquerda europeus. Apesar de não surtir efeitos práticos, uma vez que nenhuma seleção estrangeira aderiu ao boicote, os protestos tiveram grande repercussão, chegando ao Brasil principalmente por meio da imprensa alternativa:

Os generais de Buenos Aires praticamente não fizeram nenhuma tentativa de dissimular as vantagens políticas que eles esperavam obter a partir dessa competição internacional, cuja importância só pode ser comparada à dos Jogos Olímpicos (mais de um bilhão e meio de prováveis espectadores pela retransmissão dos jogos. (...) Mesmo que a utilização da ideologia do esporte e de seus organismos pelas grandes potências e por seus aliados do Terceiro Mundo seja contestada, nem por isso ela deixa de ser um instrumento poderoso da influência política¹⁴.

Conhecedor das questões políticas que naquele momento envolviam tanto o Brasil quanto a Argentina, Reinaldo mantinha-se firme em suas convicções. No bojo dos

¹³ El Gráfico, 23 jun. 1978 (apud ALABARCES, 2008, p.118).

¹⁴ “Esporte: a exploração da política”. *Movimento*, 29 maio, 1978, p.13.

acontecimentos, tanto a imprensa brasileira como os militares temiam que o jogador pudesse utilizar a visibilidade da Copa do Mundo para expor seu gesto de protesto, muito conhecido nos gramados brasileiros.

Além do gesto repetido a cada gol marcado com a camisa do Atlético no campeonato brasileiro (1977/78), desde o segundo semestre de 1977, Reinaldo insistia em exteriorizar seus posicionamentos ideológicos à imprensa mineira, defendendo a anistia ao exilados políticos, o voto direto e o fim da ditadura no país. A poucos meses da última convocação para a Copa da Argentina, uma de suas entrevistas concedidas ao semanário alternativo *Movimento*, veículo ligado a grupos de esquerda do país, causou um grande mal estar nos bastidores da seleção. A matéria buscava diferenciar o centroavante atleticano do maior ídolo do futebol brasileiro, Pelé, considerado pela imprensa alternativa como um “fantoche” dos militares:

O mais novo fenômeno do futebol, o centroavante Reinaldo também é bom das idéias. A favor da organização dos jogadores em associações, critica o individualismo, defende a anistia, a Constituinte e, ao contrário de Pelé, acha que o povo brasileiro está preparado “como sempre esteve” para votar.¹⁵

O texto procurava enaltecer as virtudes intelectuais e as convicções políticas de Reinaldo. Ao intercalar trechos das declarações do jogador com suas próprias impressões sobre o assunto, o jornalista construía um discurso que equilibrava as opiniões do entrevistado e as bandeiras levantadas pela esquerda naquele momento:

Muitas vezes a gente não pode dizer o que pensa porque é levado pela máquina. Aqui no Brasil o esquema é muito forte e é difícil desfazer uma imagem criada. Ao comentar sobre o problema da anistia, o artilheiro do Campeonato Nacional além de defendê-la diz que “ela vai acontecer mais

¹⁵ “Reinaldo: bom de bola e bom de cuca”, *Movimento*, 06 mar. 1978, p.8.

cedo ou mais tarde porque em tudo deve haver oposição, pois é assim que surgem novas idéias e caminhos diferentes.”¹⁶

Todavia, apenas a articulação discursiva promovida pelo jornalista não seria capaz de gerar tanta polêmica: o próprio Reinaldo confirma que, nesse período, não poupava críticas ao “sistema”; e, nas oportunidades “oferecidas” pela imprensa, sempre procurava exteriorizar, de forma consciente, suas opiniões políticas:

Foi consciente. Como eu te falei, eu tinha esse espaço na mídia e tinha essas tribunas. Eu recebia mais de 500 cartas por dia do Brasil inteiro. Eu era artilheiro do campeonato brasileiro, eu dava essas entrevistas todas. Eu era uma celebridade, andava nas ruas e as pessoas me paravam. Eu era o destaque do futebol brasileiro. Era um momento que eu tinha tudo ali pra falar e eu quis aproveitar justamente esse momento que foi também de muita coragem. E por isso eu também sofri muitas retaliações que acabou até prejudicando a minha carteira.¹⁷



Figura 2 – Reinaldo: bom de bola e bom de cuca

Fonte: Movimento 06 mar. 1978, p. 1.

¹⁶ “Reinaldo: bom de bola e bom de cuca”, Movimento, 06 mar. 1978, p.9.

¹⁷ Reinaldo, 29 set. 2007.

As declarações publicadas pelo semanário Movimento provocaram, de fato, uma enorme polêmica. No calor dos acontecimentos, a grande imprensa noticiava que o almirante Heleno Nunes, então presidente da CBD, cogitava o corte de Reinaldo da lista dos convocados para a Copa da Argentina, sob a alegação de que “*Reinaldo não possui as condições físicas exigidas por uma competição de alto nível*”¹⁸. Desmentido – ou camuflando – qualquer motivação política para a provável decisão, o almirante isentava o governo militar de qualquer intervenção nos assuntos futebolísticos.

A questão assumiu a dimensão de um debate nacional: O jogador de futebol deve ou não expressar suas posições políticas? Reinaldo deve ser cortado por não concordar com a política do governo? – perguntavam os programas esportivos radiotelevisivos¹⁹. Em 1978 as garras da ditadura já não se mostravam tão afiadas como no período das duas Copas anteriores. A imprensa já possuía certa autonomia para promover discussões políticas²⁰; mas, apesar disso, devido ao longo período de intervenção oficial, os jornalistas não sabiam muito bem como lidar com esta relativa liberdade. Além dos debates promovidos na mídia – importantes instrumentos para a formação da opinião pública –, a imprensa alternativa da época também buscava pressionar a CBD. Denunciando as manobras e falcatruas dos cartolas, os jornalistas explicitavam a estreita relação entre futebol e política:

A tentativa do presidente da CBD – Heleno Nunes – de cortar o jogador Reinaldo da seleção brasileira deixou claro, mais uma vez, que o mundo do futebol, os cartolas não gostam de jogadores que têm e expressão suas opiniões sobre política. Não foram poucos cartolas que, nesta polêmica provocada pelo caso Reinaldo, manifestaram-se a favor de que jogador se

¹⁸ Estado de Minas, 07 abr. 1978, p.6.

¹⁹ Reinaldo, 29 set. 2007.

²⁰ Sobre a questão da liberdade de imprensa nos anos da distensão política, consultar as análises de Ventura (2008).

limite a jogar futebol, deixando de lado a política. De outro lado, no entanto, apesar desta ojeriza a participação do jogador na política, os cartolas usam e abusam do futebol como trampolim para a política, a começar pelo próprio Heleno Nunes. (...) O exemplo mais vivo dessa utilização do futebol como arma política é o do próprio presidente da CBD, almirante Heleno Nunes, que acumula o cargo de presidente da Arena do Rio de Janeiro. Neste ano eleitoral, o número de participantes elevou-se para 72, unindo-se equipes sem as mínimas condições competitivas.²¹

Se os cartolas, fazendo uso da popularidade conquistada por meio dos clubes, podiam colher benefícios pessoais na esfera política, por que um jogador de futebol não poderia exteriorizar suas convicções? Ao colocar esta questão, a imprensa saía em defesa das atitudes contestatórias expressas por Reinaldo.

Outra arma frequentemente utilizada pela imprensa para pressionar a CBD era a própria opinião pública. O descontentamento com o possível corte de Reinaldo da seleção brasileira fez eclodir diferentes manifestações de apoio ao jogador. De todo o Brasil chegavam cartas de solidariedade ao craque na sede do Atlético; nas rádios e nas emissoras de TV, aconteciam calorosos debates em torno da questão. Em Belo Horizonte, principal reduto da torcida atleticana, os estudantes da Universidade Católica de Minas Gerais, utilizando um instrumento de expressão política bastante comum na época, imprimiram seu protesto nos muros da própria instituição de ensino: “Por que Reinaldo não pode ter opinião política?”²². Segundo Reinaldo, a frase ganhou os noticiários nacionais, tornando-se um dos símbolos do seu retorno à seleção brasileira:

Depois de toda essa discussão, essa polêmica, essa pressão que partia de todos os lados, os caras tiveram que voltar atrás. E se eles me deixassem

²¹ “Se jogador é para jogar futebol, então o que os cartolas estão fazendo na política?”, Movimento, 10 abr. 1978, p.20a .

²² Movimento, 10 abr. 1978, p.20a.

de fora e o Brasil perdesse a Copa por causa disso? De quem a seria a culpa? Todo mundo sabia que o Heleno de Freitas é quem batia o martelo nas convocações. Se ele não me levasse, a seleção teria que ganhar de qualquer jeito. Foi por isso que ele voltou atrás. Ele não era bobo. Ele sabia que me levar era uma questão de interesse político.²³

De fato, as palavras do jogador, se contextualizadas, fazem sentido. Naqueles dias, Valmir Pereira, então presidente do Clube Atlético Mineiro, se deslocou para a sede da CBD, no Rio de Janeiro, onde se reuniu com o almirante Heleno Nunes que, após o encontro, em entrevista coletiva, reviu substancialmente sua postura: “Reinaldo é um gênio, ele é imprescindível à seleção”²⁴. Atento às questões políticas que envolviam os bastidores do futebol, o escritor Roberto Drummond analisou a reviravolta no “Caso Reinaldo”:

E se eu disser a vocês que a Comissão Técnica dispensar Reinaldo estará criando um mártir e entregando a esse mártir uma bandeira de imenso poder junto ao torcedor brasileiro? E se eu disser a vocês que foi exatamente a entrevista ao jornal Movimento, defendendo a anistia, eleições diretas, etc., que salvou a cabeça de Reinaldo? E se eu disser a vocês que, senão fosse a entrevista de Reinaldo ao Movimento e a repercussão da entrevista agora, Reinaldo estaria queimado, sem razão é certo, na seleção? E se eu disser a vocês que os líderes do partido do almirante Heleno Nunes chegaram à conclusão de que, se Reinaldo for dispensado, a esta altura, se transformará na grande bandeira do partido de oposição em todo Brasil?²⁵

No decorrer do ano de 1978, o cenário político brasileiro foi marcado pela acirrada disputa entre os dois partidos oficiais: a Aliança Renovadora Nacional (ARENA) e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB). O avanço da oposição, representado, principalmente, pela expressiva votação conquistada pelo MDB nas eleições parlamentares de 1974, já dava sinais do esgotamento político do regime autoritário. Somando-se à

²³ Reinaldo, 29 set. 2007.

²⁴ Movimento, 10 abr. 1978, p.20b.

²⁵ “Digo”, Estado de Minas, 01 abr. 1978, p.11.

questão partidária, a intensa mobilização dos setores médios e da Igreja Católica pressionava o presidente Geisel a investir contra os métodos violentos utilizados pelos membros da linha dura do governo.

Diante deste quadro político, Reinaldo despontava como um personagem interessante para os diversos segmentos de oposição ao governo. Reproduzindo com suas próprias palavras o discurso libertário das esquerdas – em um contexto onde destacava-se o fanatismo dos brasileiros pelo futebol –, sua relação com a CBD tornava-se cada vez mais delicada. Considerada, naquele período, como um dos principais braços políticos da ARENA, a entidade, na pessoa do seu presidente, o almirante Heleno Nunes, diante do clamor público, via-se impedida de aplicar quaisquer sanções contra o ídolo nacional.

Assim, mantido no grupo da seleção brasileira convocada para a Copa da Argentina, o centroavante não titubeou e, na primeira oportunidade, repetiu a cena: braços erguidos e punho fechado após o gol marcado contra a Suécia na estréia do Brasil na competição. No palco da Copa do Mundo, o gesto do jogador tinha por objetivo atingir dimensões mundiais. Entretanto, longe de sua melhor forma física, Reinaldo só jogaria mais uma partida como titular da seleção. Sua atuação discreta no empate sem gols contra a Espanha abriu espaço para que, nos demais jogos da Copa, o técnico Cláudio Coutinho escalasse Roberto Dinamite no comando do ataque brasileiro.

Palavras Finais

A capacidade de compreensão das dinâmicas políticas do país indica que as singularidades presentes em suas histórias de vida fizeram de Afonsinho e Reinaldo sujeitos politicamente conscientes e altamente participativos, diferentemente da maioria dos

jogadores de futebol. Em outra dimensão, o engajamento no ideário esquerdista também é revelador da forte atuação desses discursos no âmbito da juventude universitária brasileira. Se alguns estudiosos²⁶ compreendem os últimos anos da década de 1970 como um momento de “ressaca” dos movimentos culturais – assim como da própria luta contra o autoritarismo – as investidas dos jogadores analisados mostram que, no universo do futebol, a rebeldia e o inconformismo ainda davam suas últimas cartadas contra o regime militar.

Ademais, a centralidade do corpo presente na estética revolucionária apresentada pelos jogadores evidencia a afinação com os modelos e as formas de expressão adotadas pelos movimentos de resistência cultural organizados em diversas partes do mundo, o que revela o intenso trânsito cultural que interligava a juventude naquele período. Desse modo, ao contrário do que postulam algumas vertentes analíticas, o futebol *per si* não deve ser considerado como causa ou produto de alienação, mas, assim como qualquer outro fenômeno social, deve ser investigado em todas as suas dimensões, abrangências e potencialidades. Por outro lado, no âmbito da micropolítica, o estudo das trajetórias dos jogadores revelou que o embate político pode se manifestar por meio de diversos conteúdos, formas, processos e ações, e que o universo do futebol brasileiro ofereceu um amplo espaço para sua deflagração.

²⁶ Referimo-nos, particularmente, às análises construídas por GASPARI (2000) e CARMO (2003); nessa última, especialmente ao capítulo intitulado “Os anos 70: da ressaca ao inconformismo”.

Referências bibliográficas

ALABARCES, Pablo. *Fútbol y pátria: el fútbol y las narrativas de La nación en la Argentina*. 4 ed. Buenos Aires, Promoteo Libros, 2008.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas lingüísticas. In: ORTIZ, Renato (Org.) *A sociologia de Pierre Bourdieu*. São Paulo: Olho D'água, 2005.

_____. *A distinção: crítica social do julgamento*. Trad. Daniela Kern, Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: EDUSP, Porto Alegre: ZOUK, 2007.

CALDAS, Valdenyr. *A cultura político-musical brasileira*. São Paulo: Musa, 2005.

CARMO, Paulo Sérgio. *Culturas da rebeldia: juventude em questão*. 2 ed. São Paulo: SENAC, 2003.

COUTO, Euclides de Freitas. *Jogo de extremos: futebol, cultura e política no Brasil (1930-1978)*. Tese de Doutorado, FAFICH/UFMG, 2009.

DAMO, Arlei Sander. O ethos capitalista e o espírito das copas. In: GUEDES, Simoni; GASTALDO, Édison (orgs.) *Nações em campo: copa do mundo e identidade nacional*. Niterói/RJ: Intertexto, 2006.

FLORENZANO, José Paulo. *Edmundo & Afonsinho: a rebeldia no futebol brasileiro*. São Paulo: Musa, 1998.

FURTADO, João Pinto. *A música popular brasileira dos anos 60 aos 90: apontamentos para o estudo das relações entre linguagem e práticas sociais*. Pós-História, Assis/SP, v.5, p.123-143, 1997.

GASPARI, Élio. Alice e o camaleão. In: GASPARI, Élio, HOLLANDA, Heloísa Buarque,

VENTURA, Zuenir. *70/80 - Cultura em trânsito: da repressão à abertura*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

GÓIS JÚNIOR, Conhecimento positivista da educação física e esporte. In: DACOSTA, Lamartine Pereira (org.) *Atlas do Esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: CONEF, 2006.

VENTURA, Zuenir. Nostalgia do não vivido. In: GARCIA, Marco Aurélio, VIEIRA, Maria Alice (Orgs.) *Rebeldes e contestadores*. 2 ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

Fontes

a) Periódicos

ESTADO DE MINAS, Belo Horizonte, 1978.

MOVIMENTO, São Paulo, 1978.

b) Fontes fonográficas

GIL, Gilberto. *Cidade do Salvador*. Universal, 1973.

c) Fontes iconográficas

Arquivo particular Afonso Celso Garcia Reis.

MOVIMENTO, São Paulo, 06 mar. 1978, p.1.

d) Fontes orais

- Afonso Celso Garcia Reis. (Afonso) Entrevista concedida no Rio de Janeiro em 13 de setembro de 2007.

- Jose Reinaldo de Lima. (Reinaldo) Entrevista concedida em Nova Lima/MG em 29 de setembro de 2007.